

NO LIMIAR DA ACADEMIA(*)

Cid Carvalho

Chego à Academia Cearense de Letras conduzindo as minhas melhores emoções e a tempo de encontrar aqui a figura imensa de meu pai. Esta é uma das grandes alegrias deste momento, enquanto bem dentro de minha alma reclamo, não sei se da vida ou da morte, a tristeza de minha mãe não formar entre os que vêm aqui para minha posse.

Meu ingresso na Academia de 1894 ocorre em um momento de grande importância para mim. Ainda menino, iniciei minha luta jornalística e mal completara os doze anos e já fizera os primeiros grandes exercícios da profissão. Época dos artigos iniciais e da ousadia das publicações dos trabalhos com que me preparava para uma carreira cheia de surpresas. Primeiro o jornal, com as possibilidades naturais da época. Mais tarde o rádio, numa fase de esplendor, ao qual me integrei, iniciando uma jornada, ainda não concluída, no difícil campo do radiojornalismo. Integrando a imprensa e o rádio minha vida se tornou cheia de intensidade e foi marcada sempre por uma luta nunca encerrada.

Enquanto, profissionalmente, seguia os caminhos naturais da comunicação, preparei-me para o Direito, obedecendo aos gritos de minha personalidade e dando curso a uma tendência da família, tanto pelo lado paterno como pelo materno. Minha formatura, por sua vez, abriu-me diversas portas: a advocacia e o magistério. Ainda com o cansaço natural do estudante concludente de um longo curso, joguei-me numa peleja imensa e ingressei como professor na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, integrando o corpo docente ao qual pertencera, nos primeiros momentos da escola, o Dr. Eduardo Saboia, pai de minha mãe. Mais tarde iria ingressar como professor do hoje Curso de Comunicação Social, dedicando-me ao magistério com todo meu entusiasmo e pronto a defender os meus ideais.

Nas letras não sei como me iniciei, pois o que guarda minha memória me devolve uma criança a rabiscar os primeiros versos, como quem joga tinta

(*) Discurso de posse na Academia Cearense de Letras, pronunciado em 20.03.1980.

com pigmentos ricos sobre a tela branca e espera o milagre da cor. Vejo-me ainda menino e já manipulando a máquina de escrever, e expondo palavras, idéias e mais que se possa ter quando a vida ainda nem começou. De uma família de intelectuais, na minha casa nomes famosos das letras, da ciência e das artes, mesmo da política, eram tão familiares, que nem Camilo Castelo Branco conseguiu me surpreender quando do nosso primeiro encontro e hoje, passados muitos anos, ainda procuro seus livros para os ter numa estante quase só dele, assim como quem alonga a juventude que ameaça partir, uma vez que Camilo, Machado, Eça e tantos outros faziam muitos temas que me fascinavam mesmo antes de quinze anos.

Como todo mundo que se expressa através da sofrida Língua Portuguesa e ler seus autores com amor, tive meus momentos de infinita admiração por Eça de Queiroz. Procurei um conhecimento de nossa poesia e retrocedi no tempo para discordar de Sílvio Romero, pois Castro Alves para mim foi uma espécie de ídolo da minha juventude e, mesmo admirando Tobias Barreto, jamais poderia admiti-lo, mesmo para início de conversa ou somente por argumentar, maior que o vate baiano.

Assim, num clima assim, meus trabalhos surgiram naturalmente, como do campo nascem, sob os cuidados exclusivos de Deus, as coisas mais puras do mundo: singelos vegetais que a mão do homem não plantou.

Minha primeira Academia chegou quando eu era estudante e o Centro Estudantal Cearense criou a sua Academia Centrista de Letras. Mais tarde era a Academia dos Novos, movimento mais longo da juventude de então. Uma poesia moça, uma prosa viva, alguns livros e uma vibração incontida. Mais recentemente ocorreu em minha vida, para orgulho meu, a Academia Cearense de Língua Portuguesa e, um pouco depois, a Academia de Retórica.

Agora, ingressando aqui, obtenho algo maior do que o merecimento que tenho. Mas, no íntimo, algo me diz que é aqui mesmo que devo estar, pois os rios da minha vida deságuam forçosamente aqui, onde encontro velhos amigos aos quais admiro tanto, intelectuais que mantêm viva a cultura de nosso Estado, dando continuidade a um Ceará brilhante, com destino trágico, mas com uma inteligência invulgar a lhe oferecer uma característica no concerto cultural da nação.

Os que me elegeram cometeram um ato de bondade, mas acima de tudo uma justiça às minhas raízes e aos meus propósitos.

Venho substituir o professor Clodoaldo Pinto, meu mestre e amigo, pessoa com quem convivi e de quem pude captar uma bela filosofia da vida. Mestre é nome que mais se adapta ao saudoso Clodoaldo, pois era exatamente isto o que ele encarnava: o saber, exposto com inteligência e zelo. Professor, suas aulas eram alegres e tranqüilas. A tranqüilidade de quem sabe mesmo e alegria em poder transmitir o saber. Com idéias próprias, nunca se preocupou em

oferecer eternidades estranhas ao que falava. Tinha posições individuais sobre o Direito e uma vantagem imensa como professor e advogado: a teoria e a prática não conseguiram se apartar ante seu olhar pesquisador e suas mãos hábeis. Foi mestre dizendo e mestre fazendo. O jurista marcou tanto que muitos não conseguiram ver em Clodoaldo as outras facetas do humanista enorme.

Clodoaldo teve os seus momentos de excentricidade e são famosas as histórias que a cidade sempre conta, tendo-o como personagem. Quando andou de ônibus e bonde aprendeu a ler seu jornal de cabeça para baixo, a fim de evitar a figura do intruso que, sentado ao lado, aproveitava para ler o jornal também. Usou bengala quando o velho instrumento já não estava em uso e gostou de filmes seriados de bandidos e heróis, quando os intelectuais torciam o rosto ao passarem diante do Majestic, a sede maior de tão popular divertimento. Como professor sempre se saiu muito bem nos momentos desagradáveis de explicar os crimes de sedução, estupro, posse sexual mediante fraude em salas repletas de alunos e alunas. Sua verve era notável e seu embaraço, nas ocasiões difíceis, era nenhum. Mesmo sua vida foi marcada por acontecimentos incomuns: lembro-me que me contava sua nomeação para Desembargador, em fins de 1945, não podendo exercer o cargo, em face da lei de acumulação. Logo após nomeado os jornais queriam sua biografia e depois de se esconder em Parangaba, seu refúgio, declarou:

“Sou como as mulheres honestas de Balzac e, portanto, não tenho a biografia. . .”

Aos mais íntimos confessava sua biografia: uma série de defeitos que foram adquiridos, perdidos ou fortificados ao longo de uma vida a que as mulheres, segundo dizia, não chegam, pois não gostam de passar dos trinta e poucos anos. . . Por último me disse diante do Tribunal de Justiça, quando eu vinha de uma das câmaras cíveis, diante da qual funcionara:

— Filho do Jäder você está nesta luta. . . Mas a minha é maior, pois agora sou enfermeiro. . .

E contou a enfermidade da companheira a lhe exigir todas as possibilidades do seu amor e do seu cuidado. Mas explicou:

— Entre uma coisa e outra vou lendo, com muita dificuldade, mas vou lendo. . .

Dizia-se sem virtudes sociais que não teve condições de obter, mesmo se esforçando para tanto. Não prestava para ser mandado. Ouçam o Mestre Clodoaldo despedindo-se da Faculdade de Direito:

“Antes de tudo, fui sempre um sujeito muito *mal mandado*, e nunca me enfeitei com esta virtude socialíssima — da obediência, plena ou parcialmente passiva. Deteriorei-me com a veleidade obsoleta de pensar por mim mesmo, de não seguir os Mestres — sem exame, de reservar sempre a minha opinião pessoal, de não ter medo de ficar só ou em minoria, em

suma — de não ser obediente pelo simples gosto de obedecer. Ilustre militar reformado me dizia, por experiência própria, que — para vencer na vida — eram imprescindíveis, entre outras, duas coisas — *muita obediência e pouca diligência*. E a mim, se fiz alguma diligência, faltou-me a *obediência muita*, que — também na vida civil — é uma virtude de alta monta.”

Morreu sem grande fortuna o meu antecessor. Deixou, no entanto, uma enorme biblioteca, retrato fiel de sua alma, monumento do seu saber. Estava sempre em busca de livros: mais dos velhos que dos novos. Adorava velhas publicações. Conhecedor do Direito, foi um pesquisador da história e se entusiasmava com a Geografia. Um Atlas bem impresso para ele era o mundo mesmo, vivo, mexendo. . . Ao mesmo tempo podia falar com a maior intimidade de Rodolfo Teófilo, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Franklin Távora. . . Falava mais nos livros sobre os quais ninguém falava. Aos mais abandonados preferia aos mais famosos, pois como ficou revelado era sempre o protótipo do *mal mandado*.

Gostava das pessoas inteligentes e nas rodas que formava onde chegava falava mais do que ouvia. Detentor de uma boa memória, guardava muito os acontecimentos agradáveis e deixava à poeira as suas decepções. Ironicamente lamentou sua sorte:

Desde que apareceu a propriedade privada, os homens inventaram mil e uma formas de furto, e criaram continuamente novas maneiras de tomar o alheio. Para desgraça minha, porém, não pude aprender nenhuma delas, por mais que forcejasse e por maiores empenhos que fizesse. Deixo, por isto, o Professorado (como deixei o Ministério Público e a Advocacia militante) mais pobre do que era anteriormente. E aposentei-me com duas fortunas inconvertíveis em pecúnia — alguns netos novos e muitos livros velhos. Mas a vida nos dá, de qualquer forma, alguma compensação: — nascemos nus e morremos vestidos; e era isto o que consolava os pobres, antes que o Diabo mostrasse aos homens as desarmonias econômicas e as desigualdades sociais.

Clodoaldo Pinto nasceu em Itatira quando o lugarejo era chamado de Belém do Machado que, brincando com seu berço, chamava de *mentira geográfica* na sua condição de urbe. Em 1915 ingressou na escola jurídica em que iria lecionar e, tendo havido o extravio do registro verdadeiro, a mãe de Clodoaldo declarou seu nascimento como tendo ocorrido em Fortaleza.

— Foi uma fraude materna que denunciei por fidelidade à minha povoação serrana, — dizia o Mestre.

Não tinha cinco anos quando perdeu o pai e credenciou à sua mãe, viúva enérgica, e à sua mulher, também enérgica e menos amarga, tudo que conseguiu ser. Estudou na terra natal e depois em Canindé, cinco anos no

Liceu, em Fortaleza, e cinco anos na nossa Faculdade de Direito. Em 1919 era bacharel e logo ingressaria no Ministério Público e foi promotor da Justiça em Maranguape, Tauá e Fortaleza.

Decorria o ano de 1936 quando Clodoaldo ingressou como professor da Faculdade de Direito do Ceará. Funcionou 19 anos como promotor e trinta como professor, aposentando-se em novembro de 1966.

Lembro-me da despedida de Clodoaldo. Todos queríamos demonstrar diante dele e de modo muito claro a nossa gratidão. Fizéramos uma festa com música, gratidão e uma enorme saudade antecipada. Escondendo na voz um tanto quanto de amargura e sabiamente controlada, Clodoaldo encerrou com um misto de amargura e alegria ante o dever cumprido a sua fala:

A Magistratura me fechou suas portas, quando a procurei, porque eu não tinha então, ou não me acharam, merecimento para exercê-la. E quando me foi oferecida, em 1945 a 1946, recusei-a, porque — nesse tempo — não se podia acumular a Desembargatória com o Magistério.

Agora, aposentado e velho, só me resta retornar à minha incoercível vocação para a carpintaria, se não puder entregar-me à apicultura, ou à criação de aves, ou de netos, e nos recessos diuturnos — ler geografia, ou ler história, que é maneira bem hábil de encher a velhice — com outra velhice.

E quando afinal a Grande Sombra sacudir sobre o pó das asas, da piedade familiar espero — não necrológicos e panegíricos, nem *requiem* ou cantochão, nem flores e coroas, mas tão-somente duas coisas bem simples: — que me enterrem vestido em minha clâmide de professor e me inscrevam na tumba, em três versos, este epitáfio, que considero verdadeiro:

“Conhecia o seu ofício,
e nunca se temeu, nem se cansou,
de cumprir o seu dever”.

Desde que ingressei na Faculdade de Direito como aluno, nela continuando até hoje como Professor, mantive com Clodoaldo a melhor amizade. Fui seu substituto como assessor jurídico do saudoso reitor Pedro Teixeira Barroso. Quando de sua aposentadoria o saudei em nome dos alunos e agora o sucedo na Academia. Em 1978, como candidato a deputado estadual, recebi sua comunicação:

— Vou votar em você, ainda mais que é filho do Jáder. . .

Meu companheiro de turma e seu filho, o caro amigo Evandro Pedro Pinto, brincando tentou demovê-lo, alegando que eu era da Arena. Clodoaldo explicou:

— Não adianta. . . quanto faz. . . O que vale é o homem.

Clodoaldo era assim. Autêntico e quase sempre surpreendente. Poucos

sabem que foi poeta e que publicou poemas com o pseudônimo de Carlos Pedra. Inclusive fez o admirável soneto no aniversário da morte de Soriano de Albuquerque, a quem chamou de "estrela rubra e amiga". Considerava Soriano "sábio, heróico e forte". Integrou o Instituto do Ceará e nas letras jurídicas deixou uma vasta contribuição, muitos dos trabalhos ligados a famosos processos em que funcionou como advogado.

A cadeira que a partir de hoje ocupo teve como primeiro titular o saudoso Antonino da Cunha Fontenele. Jurista como o patrono José Liberato Barroso, sucedido pelo grande penalista de quem falo agora. Antonino e Clodoaldo vieram da Faculdade de Direito para a Academia e o fato se repete com relação a mim. Antonino é bisavô de meus filhos, Antonino também, Roberio e Cid. Portanto avô de minha mulher Luce, e sua memória é muito cultivada pelos seus descendentes que lhe recordam a existência com carinho e amor.

Não conheci Antonino Fontenele, mas seus filhos, inclusive meu sogro também Antonino, alguns mortos e alguns vivos, pertencem no meu conhecimento e à minha amizade.

Lembro-me agora do sepultamento de Clodoaldo Pinto: ante as emoções da despedida os filhos se lembraram de pôr no caixão mortuário o Código Penal, peça de sua maior intimidade, o armador de sua rede amiga e a lente de suas eternas leituras. Clodoaldo temia precisar de tudo isso na eternidade ou quis perto do corpo, na hora de decomposição, os objetos de sua ternura e de sua intimidade. Humanista foi o seu gênero, penalista, mestre do Direito, poeta na mocidade, humorista nos notáveis diálogos e nas narrativas coloquiais apaixonado da História, amante da Geografia, algumas espécies de suas manifestações profundas.

José Liberato Barroso é o patrono da cadeira que a partir de agora é ocupada por mim. Quando eu era menino lhe ouvira o nome através das narrativas de minha avó, dona Francisca Viriato de Saboia, então viúva de Eduardo Saboia, integrante da Padaria Espiritual, autor de "Contos do Ceará", também professor da Faculdade de Direito do Ceará, jornalista, poeta, secretário de Estado, deputado estadual e tudo que um homem brilhante, em sua época, podia ser em cenário provinciano como o nosso, em fins do século passado e no início deste. Minha avó sabia muito dos fatos de sua época, cunhada de um grande político, meu tio-avô João Tomé de Saboia, ex-dirigente máximo do Estado. Se não fora assim Liberato Barroso estaria resumido a uma homenagem prestada pela denominação de uma das principais ruas da Fortaleza de quarenta anos atrás, estreita artéria que conduz o nome de meu patrono aos tempos mais novos.

Os países onde se cultiva a tradição têm um pouco mais de memória. O Ceará vai deixando ao esquecimento personalidades enormes e cujas vidas foram da maior importância para a construção do Brasil de hoje.

Liberato Barroso, pouco lembrado, teve destaque imenso no Império, sendo Conselheiro do maior destaque, alcançando, inclusive, a condição de Ministro de Estado.

Filho do Aracati, onde nasceu a 21 de setembro de 1830, sua vida estaria fadada aos acontecimentos mais marcantes que, por sinal, o obrigaram a deixar a província, indo viver no Rio de Janeiro. E foi o Rio quem o viu morrer, a 2 de outubro de 1885. Assim não viveu tanto, mas o suficiente para que se consagrasse no seu tempo e o vivesse com intensidade. Contando-se-lhe a experiência, através de uma alma temperada pela luta e pelo esforço, teria sua idade triplicada.

Antes da fundação da nossa Faculdade de Direito, na qual têm pontificado tantos e tantos talentos, os cearenses que pretendiam formar-se para tão difícil missão tinham como rumo mais próximo, com toda certeza, a cidade do Recife, onde era famosa a sua Faculdade, culta, nobre e lendária, sempre mencionada, pois que muitas vidas importantes se legaram a ela, como Tobias Barreto, Castro Alves e o santo e sábio Clóvis Beviláqua que, entre tantas jóias de inteligência, escreveu-lhe a história.

Meu patrono, Liberato Barroso, foi aluno da monumental escola que via áureos tempos. Nela bacharelou-se e viria dela se tornar mestre, ali lecionando, graças ao seu brilho e à sua paixão pelos temas jurídicos. Lecionando foi defensor das expansões culturais do Brasil, buscando que o país mais se firmasse como expressão de inteligência. Crítico da legislação, não foi um paciente ante a lentidão de evolução da lei pátria. Clamou por leis eficazes, com o sabor do tempo e expressões da realidade social. Foi sua inquietude que o levou a ser eleito Deputado Geral pelo Ceará, servindo ao legislativo por mais de uma legislatura.

Jurista e político, o drama maior da sua vida pública foi a anulação de sua eleição para o Senado. Quando deste episódio testou-se-lhe a personalidade e o que o Ceará viu foi um homem firme na derrota, impoluto no insucesso, digno na decepção e na dor.

Leitor assíduo de obras profundas, pôde conhecê-las no original, pois sabia profundamente o alemão, porta aberta para um conhecimento filosófico invulgar. O francês era o idioma da moda e Liberato Barroso comumente o falava, o mesmo acontecendo com o idioma inglês, ainda sem a divulgação de hoje, e o espanhol, pelo qual abeirou-se da cultura dos povos que falam essa língua. Criador incontido, como tradutor de romances e novelas foi um elo intelectual entre povos, propiciando aos homens de seu tempo a leitura em português de obras escritas originalmente em inglês, francês, alemão e espanhol.

Escreveu várias peças jurídicas, numa abordagem sensata dos problemas de então e nos dando as primeiras notícias das modernas doutrinas que so-

mente cinqüenta anos depois seriam manipuladas ordinariamente no Brasil.

Seus trabalhos literários são vastos e se espalharam pelos mais diferentes centros culturais. Se suas pegadas não são mais vivas em nosso chão; se o brilho de seu nome não é percebido com mais facilidade, tudo isso ocorre porque, como todo homem liberto, culto e inteligente, Liberato Barroso quis o Brasil e sonhou com um mundo mais humano e mais justo, indo, em sua missão, pisar outras terras, buscar caminhos vários e morrer na distância da província em cenário movimentado, palco das decisões nacionais. Viveu o seu tempo, com virtudes e erros, grandes afirmações e contradições naturais dos homens que o tempo testa e dele exige o calor da última gota de sangue.

Sou o ocupante de uma cadeira sempre honrada, desde o patrono até a figura enorme de Clodoaldo Pinto. Hei de segui-los os passos de luz e a luminosidade de suas personalidades.

As palavras de J. C. Alencar Araripe, vindas de um amigo e de um intelectual de escola, arrancam-me emoções e me impõem responsabilidades.

Prometo que, nesta augusta casa, darei continuidade ao que lá fora, na imprensa, na advocacia e no magistério, tenho feito. Ainda como meus antecessores sou humanista e um crente nos valores do homem; crente na sua alma e no seu destino imenso. Admito os caminhos do mundo moderno, mas cansa-me presenciar o servilismo; não reduzo o homem a fórmulas técnicas e nem a soluções científicas; creio na comunicação como quem acredita nos milagres da fraternidade; esforço-me por um Brasil liberto e nos meus sonhos a democracia é o poder restabelecido e salvador; creio no homem e no seu espírito, na minha terra e na minha gente; entendo que ao intelectual e à sua obra estão entregues a memória nacional e as dimensões do futuro, esperando-se dele o amor do camponês que planta a semente, do operário que ajunta tijolos e dos servidores anônimos que de modo incansável constroem a vida nacional.

Manifesto-me grato e sensibilizado e estou certo de que a Academia, associada como está aos destinos do nosso Ceará, encontre em minhas forças a colaboração sadia que minha intenção a ela irá ofertar.